

Capitalismo, trabalho e política social

Blucher

Maria Jeanne Gonzaga de Paiva
Maria Messias Ferreira Lima
Valéria Feitosa Pinheiro
Francisco José Soares Teixeira
(organizadores)

Capitalismo, trabalho e política social

SÉRIE CEURCA 

Volume 2

Capitalismo, trabalho e política social – Série CEURCA, v. 2

© 2017 Maria Jeanne Gonzaga de Paiva, Maria Messias Ferreira Lima, Valéria Feitosa Pinheiro, Francisco José Soares Teixeira

Editora Edgard Blücher Ltda.

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed.
do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer
meios, sem autorização escrita da Editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

FICHA CATALOGRÁFICA

Capitalismo, trabalho e política social [livro eletrônico] /
organização de Maria Jeanne Gonzaga de Paiva...
[et al]. – São Paulo : Blucher, 2017.
198 p.; il. color.; PDF

Bibliografia

ISBN 978-85-8039-187-9 (e-book)

1. Capitalismo 2. Política social – Brasil 3. Trabalho
4. Mercado de trabalho – Brasil I. Paiva, Maria Jeanne
Gonzaga de.

16-0998

CDD 320.981

Índice para catálogo sistemático:
1. Ciência política - Brasil

Série CEURCA 

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI

Reitor – José Patrício Pereira Melo

Vice-reitor – Francisco do Ó de Lima Júnior

Diretor do Centro de Estudos Sociais Aplicados – Ronald de Figueiredo e Albuquerque

Chefia de Departamento de Economia – Valéria Feitosa Pinheiro e Maria Jeanne Gonzaga de Paiva

Colóquio Sociedade, Políticas Públicas, Cultura e Desenvolvimento – CEURCA

Projeto gráfico

Revisão: Hermógenes Teixeira de Holanda, Camila P. B. Rodrigues e Tallita Soares Justino

Site do CEURCA: www.ceurca.eco.br

Conselho Editorial

Valéria Feitosa Pinheiro

Maria Jeanne Gonzaga de Paiva

Francisco José Soares Teixeira

Maria Messias Ferreira Lima

Conselho de pareceristas do 3º CEURCA (capital, trabalho e política social)

Prof. M.e Adriano Olivier de Freitas e Silva (UEPI)

Prof. Dr. Álvaro de Oliveira D'Antona (Unicamp)

Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Farranha (UnB)

Prof.^a Dr.^a Ana Josicleide Maia (URCA)

Prof.^a M.e Ana Maria Leite Nunes (URCA)

Prof.^a M.e Ana Roberta Duarte Piancó (URCA)

Prof. Dr. Antonio Lisboa Teles da Rosa (UFC)

Prof. Dr. Carlos Henrique Marques da Rocha (UnB)

Prof. Dr. Celso Frederico (USP)

Prof. M.e Cimar Alejandro Prieto Aparicio (Fundacao SEADE)

Prof. M.^a Cynthia Studart Albuquerque (IFCE)

Prof. Dr. Eduardo Girão Santiago (UFC)

Prof.^a Dr.^a Eliane Pinheiro de Sousa (URCA)

Prof. M.e Fábio José Ferreira da Silva (Banco Central)

Prof. Dr. Fabio Fonseca Figueiredo (UFRN)

Prof. Dr. Fabio Maia Sobral (UFC)

Prof. M.e Fagner Moura da Costa (UERN)

Prof.^a Dr.^a Francisca Laudeci Martins Souza (URCA)
Prof. Dr. Francisco José Soares Teixeira (URCA)
Prof. Dr. Gil Célio de Castro Cardoso (Unb)
Prof.^a Dr.^a Gislene Farias de Oliveira (URCA)
Prof. Dr. Ivan Targino Moreira (UFPB)
Prof. Dr. João César Abreu de Oliveira (URCA)
Prof. Dr. Jorge Luiz Mariano (UFRN)
Prof. Dr. José Elesbão de Almeida (UERN)
Prof. M.e José Irivaldo Alves Oliveira Silva (UFMG)
Prof. Dr. José Maria Pereira da Nobrega Junior (Unb)
Prof. Dr. José Micaelson Lacerda Morais (URCA)
Prof. M.e José Patrício Pereira Melo (URCA)
Prof. Dr. José Raimundo Barreto Trindade (UFPA)
Prof. Dr. Kaio César Fernandes (UFERSA)
Prof. Dr. Luiz Honorato da Silva Junior (Unb)
Prof.^a Dr.^a Maione Rocha de Castro Cardoso (UECE)
Prof. Dr. Marcos Antônio de Brito (URCA)
Prof.^a Dr.^a Maria Alice Pestana de Aguiar Remy (Unicamp)
Prof.^a Dr.^a Maria Cristina de Queiroz Nobre (UECE)
Prof.^a Dr.^a Maria de Lourdes de Araujo (URCA)
Prof.^a Dr.^a Mirla Cisne Álvaro (UERN)
Prof.^a Dr.^a Núbia Ferreira Almeida (URCA)
Prof. Dr. Paulo César Oliveira Diniz (UFMG)
Prof. Dr. Pedro Ferreira Barros (URCA)
Prof. Dr. Roberto Marques (URCA)
Prof.^a M.^a Rosane da Silva Nunes (UFCA)
Prof.^a Dr.^a Roseli Alves dos Santos (UNIOESTE)
Prof.^a M.^a Sambara Paula Francelino Ribeiro (UECE)
Prof.^a M.^a Sara Raquel Fernandes Queiroz de Medeiros (UFRN)
Prof.^a M.^a Sônia Maria Lira Ferreira (UFMG)
Prof. Dr. Thiago Chagas Oliveira (URCA)
Prof. Dr. Wellington Ribeiro Justo (URCA)
Prof. M.e William Gledson e Silva (UERN)
Prof. M.e Yuri Cesar de Lima e Silva (UFR)
Prof.^a Dr.^a Zuleide Fernandes de Queiroz (URCA)

Sumário

CAPITALISMO HOJE: ACUMULAÇÃO SEM DESENVOLVIMENTO?...	13
<i>Francisco José Soares Teixeira</i>	
O CAPITALISMO AINDA É AQUELE?	13
O FUTURO DO TRABALHO	17
CAPITAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL	18
CAPÍTULO 1 – NEODESENVOLVIMENTISMO E POLÍTICA SOCIAL	19
<i>Carlos Montaña</i>	
1.1 INTRODUÇÃO	19
1.2 DEPENDÊNCIA E DESENVOLVIMENTO NA AMÉRICA LATINA E NO BRASIL	20
1.3 CRISE DO CAPITAL, NEOLIBERALISMO E NEODESENVOLVIMENTISMO	27
1.4 A POLÍTICA SOCIAL NO NEOLIBERALISMO E NO NEODESENVOLVIMENTISMO	33
REFERÊNCIAS	39
CAPÍTULO 2 – A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO “DESMERCADORIZADO”	41
<i>José Micaelson Lacerda Morais</i>	
2.1 INTRODUÇÃO	41
2.2 A REPRODUÇÃO DAS RELAÇÕES DE PRODUÇÃO: AS CONDIÇÕES DE DOMINAÇÃO CAPITALISTA E AS CONDIÇÕES DA VIDA SOCIAL	43

2.3 DO CONCEITO DE REPRODUÇÃO À CONCEPÇÃO UNIFICADORA DE ESPAÇO: O SENTIDO DA VIDA HUMANA <i>VERSUS</i> O SENTIDO DA RIQUEZA NA SOCIEDADE CAPITALISTA	46
2.4 POR UM NOVO CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO	49
2.5 POR UMA NOVA SOCIEDADE.....	51
2.6 CONCLUSÃO	55
REFERÊNCIAS.....	56

CAPÍTULO 3 – TRANSFORMAÇÕES DO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA AS

POLÍTICAS SOCIAIS	57
--------------------------------	-----------

Ana Samilly Alexandre Moreira, Luma Rodrigues de Oliveira e Cynthia Studart Albuquerque

3.1 INTRODUÇÃO	57
3.2 REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E RETROCESSO DE DIREITOS.....	59
3.3 REORDENAMENTO ESTATAL: AVANÇO PARA O CAPITAL E RECUO PARA OS TRABALHADORES.....	60
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS.....	64

CAPÍTULO 4 – PRIVATIZAÇÃO DAS POLÍTICAS SOCIAIS NA CONJUNTURA NEOLIBERAL: OS “NOVOS MODELOS DE GESTÃO” E OS DESAFIOS AO PROJETO ÉTICO-POLÍTICO DO SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO

Jediane Freitas da Silva e Luciana Dantas Tenório

4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	66
4.2 O SERVIÇO SOCIAL E AS POLÍTICAS SOCIAIS: MEDIAÇÕES, LIMITES E POSSIBILIDADES DO PROJETO ÉTICO-POLÍTICO DA PROFISSÃO.....	66
4.3 A OFENSIVA NEOLIBERAL: PRIVATIZAÇÃO E OS NOVOS MODELOS DE GESTÃO DAS POLÍTICAS SOCIAIS.....	70
4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS.....	83

CAPÍTULO 5 – A RECENTE PRODUÇÃO TEÓRICA EM TORNO DOS DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE.....	85
<i>Julliane Bispo Pereira e Diego de Oliveira Souza</i>	
5.1 INTRODUÇÃO.....	85
5.2 METODOLOGIA.....	87
5.3 CARACTERIZAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES REVISADAS.....	88
5.4 O QUE SÃO DETERMINANTES SOCIAIS DE SAÚDE?.....	89
5.5 POBREZA E INIQUIDADES DE SAÚDE.....	91
5.6 REPENSANDO OS DSS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA CRÍTICA.....	93
5.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS.....	97
CAPÍTULO 6 – EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS MODELOS DE PRODUÇÃO E SEUS REFLEXOS SOBRE A DESREGULAMENTAÇÃO DO TRABALHO NO BRASIL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	99
<i>Rosane da Silva Valois e Isabela da Silva Valois</i>	
6.1 INTRODUÇÃO.....	100
6.2 PROCESSOS DE PRODUÇÃO E TRABALHO E SUA EVOLUÇÃO HISTÓRICA.....	101
6.3 RÁPIDAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NO BRASIL.....	110
6.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS.....	116
CAPÍTULO 7 – A EDUCAÇÃO SUPERIOR E OS LIMITES ABSOLUTOS DO CAPITAL: PRECARIZAÇÃO DO TRABALHADOR QUALIFICADO E CONTRADIÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM TEMPOS DE CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL	119
<i>Edilvan Moraes Luna e Ana Paula dos Santos Brito</i>	
7.1 INTRODUÇÃO.....	120
7.2 A SOCIEDADE DO CONHECIMENTO E DA INFORMAÇÃO	122

7.3 A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO E DA INFORMAÇÃO	125
REFERÊNCIAS.....	131

**CAPÍTULO 8 – ECONOMIA DE COMUNHÃO: UM ESTUDO NA
PERSPECTIVA DE RETOMADA DO DEBATE ÉTICO NA ECONOMIA.....** 133

Francisco Rafael Félix de Sousa e Pedro Ferreira Barros

8.1 INTRODUÇÃO	133
8.2 UMA QUESTÃO PARA A ATUALIDADE.....	135
8.3 ECONOMIA DE COMUNHÃO: HISTÓRIA E PROFECIA.....	138
8.4 UMA NOVA CULTURA ECONÔMICA: EDC.....	141
8.5 EDC E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA DISTINÇÃO NECESSÁRIA.....	147
8.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS.....	152

**CAPÍTULO 9 – AS BASES TRADICIONAIS DA EXPERIÊNCIA
NEOLIBERAL NO CEARÁ: A FORÇA ELEITORAL DOS CLÃS
POLÍTICOS FAMILIARES** 155

Cristiane Maria Marinho e Maria Cristina de Queiroz Nobre

9.1 INTRODUÇÃO	155
9.2 OBJETIVOS E ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA SOBRE OS CLÃS POLÍTICOS NO CEARÁ.....	159
9.3 ALTERAÇÕES NA POLÍTICA CEARENSE A PARTIR DA REDEMOCRATIZAÇÃO	160
9.4 A DOMINÂNCIA POLÍTICA DOS CLÃS FAMILIARES NA “ERA TASSO”...	161
9.5 A DOMINÂNCIA POLÍTICA DOS CLÃS FAMILIARES NO CEARÁ: DA ESFERA MUNICIPAL PARA A ESTADUAL.....	162
9.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
REFERÊNCIAS.....	168
SITES CONSULTADOS	169

CAPÍTULO 10 – A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO ESTRATÉGIA DE INCLUSÃO: O PROJETO REVIVER DO CARIRI (CEARENSE) E A (RE) INTEGRAÇÃO SOCIAL DE DEPENDENTES QUÍMICOS.....	171
<i>Camila Pereira Brígido Rodrigues, Maria Aline Pereira de Brito, Izak Batista de Araújo e Francisca Laudeci Martins Souza</i>	
10.1 INTRODUÇÃO.....	172
10.2 A INSTITUIÇÃO DE UM CAMINHO METODOLÓGICO.....	178
10.3 A ECONOMIA SOLIDÁRIA COMO ESTRATÉGIA DE SUPERAÇÃO DA EXCLUSÃO SOCIAL PRODUZIDA PELA DEPENDÊNCIA QUÍMICA: O CASO DO PROJETO REVIVER DO CARIRI	180
10.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	184
REFERÊNCIAS.....	185
CAPÍTULO 11 – MERCADO DE TRABALHO SOB O PRISMA DAS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO RURAL: O CASO DO BAIXO JAGUARIBE (CE).....	187
<i>Christiane Luci Bezerra Alves e Evânio Mascarenhas Paulo</i>	
11.1 INTRODUÇÃO.....	187
11.2 A REGIÃO DO BAIXO JAGUARIBE E AS NOVAS DINÂMICAS NO MEIO RURAL CEARENSE.....	189
11.3 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESTRUTURA ECONÔMICA DO BAIXO JAGUARIBE.....	192
11.4 ESTRUTURA DO MERCADO DE TRABALHO DO BAIXO JAGUARIBE.....	195
11.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	199
REFERÊNCIAS.....	199

CAPITALISMO HOJE: ACUMULAÇÃO SEM DESENVOLVIMENTO?

Francisco José Soares Teixeira¹

O CAPITALISMO AINDA É AQUELE?

A contemporaneidade é marcada por uma consciência de ruptura que propaga a ideia de que o mundo mudou e o novo que está nascendo não traz mais nenhum vestígio do passado. No campo das relações de produção, essa consciência acredita que a reestruturação da economia criou novas formas de organização e gerenciamento do processo de trabalho,² que não lembram mais os princípios

1 Professor do Departamento de Economia da Universidade Regional do Cariri (URCA).

2 “as empresas e seus empregados precisam desaprender muitos dos princípios e das técnicas responsáveis, por tanto tempo, pelo seu sucesso [...]. Começar de novo de uma folha de papel em branco. [Devem-se] rejeitar a sabedoria convencional e as suposições herdadas do passado [...]. A tradição de nada vale”. Ver HAMMER, Michael; CHAMPY, James. **Reengenharia**: revolucionando a empresa em função dos clientes, da concorrência e das grandes mudanças da gerência. Rio de Janeiro: Campus, 1994, p. 35.

de padronização, especialização, sincronização e de centralização que configuravam e alicerçavam a estruturação do processo produtivo.³ Os propagadores dessa consciência de ruptura não param por aí. Avançam com seu discurso para afirmar que a produção padronizada está definitivamente datada e morta. Em seu lugar, continuam, surge a produção flexível, requerendo máquinas mais flexíveis e de finalidades genéricas, operadas por trabalhadores polivalentes e altamente qualificados, com alto grau de responsabilidade e de autonomia.

Em consequência, nesse mundo cor-de-rosa, pintado com tintas carregadas das cores da mudança, seus protagonistas apressam-se para anunciar o nascimento do trabalhador detentor de conhecimentos teóricos gerais, que desenvolve raciocínios lógico-matemáticos e usa a geografia, a história e as outras ciências para discutir os problemas da sua empresa. Sem dúvidas, diriam que esse novo tempo decretou a morte do trabalhador especializado, obrigado a desempenhar uma única atividade por toda a vida, incapaz de participar de qualquer discussão racional como já havia denunciado o autor de *A Riqueza das Nações*.⁴

Utopia ou realidade? Em outras palavras: até que ponto esse novo mundo, anunciado por essa consciência de ruptura, é um retrato fiel da realidade contemporânea?

Seja qual for a resposta que se dê a essa questão, uma coisa é certa: o capitalismo já não é mais aquele que Marx e Keynes, para citar apenas esses dois grandes expoentes do pensamento econômico, tinham diante dos olhos quando escreveram sua obra. Para responder a uma crise que se arrasta desde meados da década de 1970 do século passado, o capital viu-se obrigado a criar novas formas de produção de mercadorias mais adequadas à valorização do valor. Revolucionou o processo de produção a ponto de transformar uma parcela

3 Ver TOFFLER, Alvin. **A terceira onda: morte do industrialismo e o nascimento de uma nova civilização**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, s.d.

4 “a ocupação da maior parte daqueles que vivem do trabalho, isto é, a maioria da população, acaba restringindo-se a algumas operações extremamente simples, muitas vezes a uma ou duas [...]. O homem que gasta toda sua vida executando algumas operações simples, cujos efeitos também são, não tem nenhuma oportunidade para exercitar sua compreensão ou para exercer seu espírito inventivo no sentido de encontrar meios para eliminar dificuldades que nunca ocorrem. Ele perde naturalmente o hábito de fazer isso, tornando-se geralmente tão embotado e ignorante quanto possa ser uma criatura humana. O entorpecimento de sua mente o torna tão somente incapaz de saborear ou ter alguma participação em toda conversação racional, mas também de conceber algum sentimento generoso, nobre ou terno, e, conseqüentemente, de formar algum julgamento justo até mesmo acerca de muitas obrigações da vida privada [...]. Assim, a habilidade que ele adquiriu em sua ocupação específica parece ter sido adquirida às custas de suas virtudes intelectuais, sociais e marciais”. Ver SMITH, Adam. **A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985. v. 2, p. 213-214.

crescente dos trabalhadores em peças de museu. O desenvolvimento de novas tecnologias está permitindo a criação de máquinas que são “verdadeiras forças de trabalho intelectual”. Máquinas inteligentes, capazes de serem operadas com extrema facilidade. Na área de aeronavegação, por exemplo, uma pessoa com conhecimento mediano de computação é capaz de pousar um avião supersônico. Afinal, trata-se de uma máquina produzida e programada para navegar praticamente sozinha. Não é de admirar que há quem diga que a escassez parece estar com os seus dias contados. A aplicação da nanotecnologia à produção estendeu a capacidade de o homem operar até os limites do átomo. Um verdadeiro milagre, que não deixa de ter o seu lado dramático: o fim da economia burguesa. Esta ciência, que fizera da escassez a premissa básica da qual deriva suas leis e conceitos, perde sentido no mundo da nanotecnologia, onde o fantasma da necessidade prepara-se para bater em retirada. O campo da biogenética passa por transformações semelhantes. Gregor Mendel, a quem se devem as leis gerais da hereditariedade, sentir-se-ia um aluno do jardim de infância diante da revolução pela qual hoje passa a engenharia genética. Na produção de alimentos geneticamente modificados, as grandes corporações produzem desde a semente até o produto final. Para dominarem toda a cadeia de geração de alimentos, criaram as sementes suicidas, isto é, sementes que morrem na primeira sementeira, impedindo seu armazenamento para uma nova plantação. Até mesmo uma língua eletrônica foi inventada para detectar sabores que o palato humano não é capaz de sentir. Não é diferente do que acontece com a medicina. O mapeamento do DNA humano permite diagnosticar os genes maus, que provocam enfermidades, e os genes bons, responsáveis pela qualidade de vida desejável como longevidade, inteligência, beleza, habilidade para esportes etc. Uma engenhosidade apropriada pelas grandes corporações que, doravante, têm em suas mãos o poder de criar bebês desenhados e seres humanos superiores.

Essas transformações no processo de produção de mercadorias passaram a exigir maior liberdade de mobilidade para o capital. Para tanto, os donos das grandes corporações impuseram uma verdadeira revolução política: globalizaram a economia, cujo grau de internacionalização já havia transformado o mundo em uma imensa feira comercial sem barreiras e bandeiras discriminatórias. Em consequência, minaram as bases de sustentação do chamado Estado-Nação por meio de acordos de livre comércio entre “nações” e/ou de formação de “blocos de países amigos”. Quanto a isso, Chesnay não deixa dúvidas: demonstra que a globalização é um projeto de classe articulado pela grande burguesia. Em *A Mundialização do Capital*, deixa claro que a globalização não é um fenômeno exclusivamente objetivo, isto é, uma força externa que se impôs à sociedade independentemente da vontade dos partidos políticos e dos governos. Ao contrário disso, trata-se de um fenômeno politicamente produzido. Com efeito,

a perda, para a esmagadora maioria dos países capitalistas, de boa parte de sua capacidade de conduzir um desenvolvimento parcialmente aut centrado e independente; o desaparecimento de certa especificidade dos mercados nacionais e a destruição, para muitos Estados, da possibilidade de levar adiante políticas próprias, não são consequência mecânica da globalização, intervindo como processo externo, sempre mais coercitivo, impondo a cada país, a seus partidos e a seus governos uma determinada linha de conduta. Sem a intervenção política ativa dos governos Thatcher e Regan, e também do conjunto dos governos que aceitaram não resistir a eles, e sem a implementação de políticas de desregulamentação, de privatização e de liberalização do comércio, o capital financeiro internacional e os grandes grupos multinacionais não teriam podido destruir tão depressa e tão radicalmente os entraves e freios à liberdade deles de se expandirem à vontade e de explorarem os recursos econômicos, humanos e naturais, onde lhes for conveniente.⁵

Foram essas as condições objetivas que permitiram o capital criar uma nova forma de produção de mercadorias na qual o setor da economia deixou de ser uma barreira para o investimento de capitais. Em outras palavras, o capital apagou as fronteiras entre os diversos setores da economia de tal forma que a natureza da atividade é a que menos importa à valorização do valor. Que o diga Chesnay, para quem o objetivo do capital, notadamente as unidades transacionais,

é a autovalorização, a obtenção de lucro, em condições nas quais o ramo industrial, bem como a localização geográfica do comprometimento do capital têm, em última análise, caráter contingente. Nessas condições, um dos atributos ideais do capital, que é também, mais do que nunca, um dos objetivos concretos colocados pelos grupos, é a mobilidade, a recusa a se prender a determinadas modalidades de comprometimento setorial ou geográfico – qualquer que tenha sido sua importância na formação e crescimento do grupo –, bem como a capacidade de se soltar, de desinvestir tanto quanto de investir.⁶

Para tanto, o capital teve de quebrar os grilhões disciplinadores do Estado que lhes foram impostos pela democracia. É na Inglaterra, mais do que em qualquer outro lugar, que o mundo assiste à implantação e ao desenvolvimento desse projeto. Como que uma ironia da história, este país, que Marx tomou como caso clássico para investigar e expor as leis essenciais do desenvolvimento do capitalismo, volta a servir de ilustração para se pensar as determinações políticas da mundialização do capital, com a diferença de que agora, como apropriadamente faz lembrar José Meneleu,

a história faz uma volta pela terra do Sol Nascente para aí recolher do toyotismo o que pode ser importado pelo Ocidente. Assim, [este] país pode mostrar aos demais a

5 CHESNAIS, François. *A Mundialização do Capital*. São Paulo: Editora Xamã, 1996, p. 34.

6 CHESNAIS, François. *A Mundialização do Capital*. São Paulo: Editora Xamã, 1996, p. 81.

imagem do futuro. E pode porque é nele que se encontram os elementos marcantes da tentativa consciente de superação de um tipo de fordismo marcado pelo poder do trabalho organizado.⁷

Para superar a resistência da classe trabalhadora, o governo Thatcher destruiu suas organizações políticas. Para tanto, fez do desemprego uma arma mortal contra o poder sindical. Alan Budd, antigo assessor de Thatcher, em uma de suas entrevistas, sem nenhum constrangimento moral, não teve receio em afirmar que

umentar o desemprego foi uma maneira muito conveniente de se reduzir a força da classe operária [...], o que se procurou forjar – para falar numa linguagem marxista –foi uma crise no capitalismo, que repôs o exército industrial de reserva e permitiu aos capitalistas a obtenção de grandes lucros daí por diante.⁸

Em consequência de todas essas transformações por que passou desde meados, notadamente, da década de 1980, pela primeira vez em sua história o capitalismo entrou em uma fase em que o crescimento econômico não é mais sinônimo de criação de empregos. Crescimento econômico com desemprego é a característica que marca a nova fase de acumulação de capital no mundo inteiro.

O FUTURO DO TRABALHO

Qual é o lugar do trabalho nesse novo estágio de desenvolvimento do capitalismo? Ainda é possível apostar nas políticas públicas do Estado? Noutras palavras, o Estado, como o fez no passado, teria poder suficiente para assegurar uma política de trabalho de pleno emprego?

Ninguém melhor do que Celso Furtado para responder a essas questões. Otimista por natureza, como o foi, quem sabe se ele não pode trazer alguma esperança para desfazer o pessimismo que carregam as ideias até aqui desenvolvidas. Quem conhece sua obra sabe que, para ele, o desenvolvimento e o subdesenvolvimento são dimensões de um mesmo processo histórico. Eis a razão porque, segundo assim pensava, a divisão internacional do trabalho tenderia a aprofundar ainda mais a distância entre o centro e a periferia do sistema. Consequentemente, sua conclusão não poderia ser outra: as forças de mercado não seriam suficientes para superar tal estado de coisas. Daí a sua aposta na construção de um projeto

7 MENELEU NETO, José. Desemprego e luta de classes: as novas determinidades do conceito marxista de exército industrial de reserva. In: TEIXEIRA, José Francisco Soares; OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. (Org.). **Neoliberalismo e reestruturação produtiva**: as novas determinações do mundo do trabalho. São Paulo: Editora Cortez; Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 1996, p. 77.

8 MENELEU NETO, *op. cit.*, p. 75.

político que deveria ser orientado por duas ideias-força: (1) deslocar o eixo da lógica da acumulação do lucro pelo lucro para uma lógica dos fins em função do bem-estar social e (2) incentivar a cooperação e solidariedade entre os países do centro e da periferia.

Infelizmente, Furtado morreu sem ver concretizado o seu projeto político. Pouco tempo antes de sua despedida definitiva, em uma de suas entrevistas, chegou à conclusão de que

hoje, mesmo na Europa, não se vê horizonte para uma relativa harmonia baseada no pleno emprego. Para manter o nível de agressividade das economias capitalistas tornou-se necessário abandonar as políticas de emprego. O aumento de produtividade se desassociou de efeitos sociais benéficos. Esta é a maior mutação que vejo nas economias capitalistas contemporâneas.⁹

CAPITAL, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL

Foi para debater essas transformações por que hoje passa o capitalismo que se realizou, em 2013, o III Colóquio de Economia da Universidade Regional do Cariri (CEURCA). Ao longo de uma semana vários professores, inclusive de outras universidades, debateram os mais variados temas, tendo como norte a filosofia que orientou o encontro. Vários trabalhos foram escritos e reunidos em uma coletânea, que traz como título o tema do Colóquio: *Capital, trabalho e política social*.

Nesta coletânea, que compõe o segundo volume da série de livros do CEURCA, estão reunidos trabalhos de professores e pesquisadores da própria URCA e de outras instituições fora da região. Aqui, o leitor encontrará, melhor do que a tentativa apressada de retratar as características do capitalismo contemporâneo, retratadas neste prefácio, os mais variados assuntos sobre as “transformações do capitalismo contemporâneo e suas implicações para as políticas sociais”, como assim anuncia o terceiro artigo desta coletânea.

Tomando de empréstimo as últimas frases do prefácio que meu querido Chico de Oliveira fez ao meu livro *Trabalho e valor*, publicado pela Editora Cortez, convido o leitor, como assim o diz meu xará, para devorar “com paciência e gosto, e não da forma McDonald’s, [esta bela coletânea]. Eu (Teixeira) já o fiz, com o privilégio deste prefácio. Ela [coletânea] ajudará não apenas no seu enriquecimento pessoal, mas na compreensão do mundo” do capital.

Uma boa leitura!

9 TEIXEIRA, Francisco José Soares. A crise na era da destruição predatória. Estudos do Trabalho, Marília, n. 6, 2010. Disponível em: <<http://www.estudosdotrabalho.org/2RevistaRET6.pdf>> Acesso em: 5 out. 2016.